

Tiago Luís Gil

A «LISTA NOMINATIVA» DE PINDAMONHANGABA DE 1802 E SUA GEOGRAFIA

The «Lista Nominativa» of Pindamonhangaba at 1802 and its geography

Resumo

O Vale do Paraíba, onde ficava Pindamonhangaba, era uma região entre as Cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, estando efetivamente à margem do caminho. Era também por ali que passava o principal acesso de São Paulo às Minas e um dos acessos das Minas ao porto de Paraty, por onde uma parte das mercadorias trocadas com o Rio de Janeiro passava. Pindamonhangaba, assim como suas vizinhas Guaratinguetá, Taubaté e Lorena. O conjunto estava, assim, em uma encruzilhada entre aquelas duas grandes cidades, a região mineradora e um porto que garantia outro acesso ao Rio de Janeiro, então a maior cidade da América Portuguesa e seu maior porto escravista.

Abstract

The Paraíba Valley, where Pindamonhangaba was located, was a region between the cities of São Paulo and Rio de Janeiro, effectively being on the edge of the road. It was also where the main access from São Paulo to Minas Gerais passed and one of the accesses from Minas Gerais to the port of Paraty, through which part of the goods exchanged with Rio de Janeiro passed. Pindamonhangaba, as well as its neighbours Guaratinguetá, Taubaté and Lorena. The complex was thus at a crossroads between those two major cities, the mining region and a port that guaranteed another access to Rio de Janeiro, then the largest city in Portuguese America and its largest slave port.

Palavras-chave

Geografia, Demografia, História económica.

Keywords

Geography, Demography, Economic history.

Focando apenas em Pindamonhangaba, na Lista Nominativa de habitantes de 1802, contamos 4705 moradores. Deste total, 3673 (78%) eram

livres e 1032 (22%) eram escravos, valores semelhantes ao Vale do Paraíba como um todo (22%) e muito próximos do conjunto da Capitania (23%).(Klein, Luna 2000) Os 4705 habitantes estavam distribuídos em 716 casas, indicando 6,75 habitantes por casa. Este número, contudo, é apenas uma média e a desigualdade é grande. Se tomarmos como critério a presença de escravos na casa, temos que apenas 162 das 716 possuíam escravos. E estas 162 tinham, na média 11,6 habitantes por casa, dos quais os escravos representavam mais do que a metade (6,17 habitantes escravizados no total de 11,6, sendo 5,43livres). As casas sem escravos tinham 4,8 habitantes na média. Ou seja, as casas escravistas também eram maiores se contarmos somente os livres, muito por conta da capacidade de atração de pessoas (agregados) que estas famílias tinham.

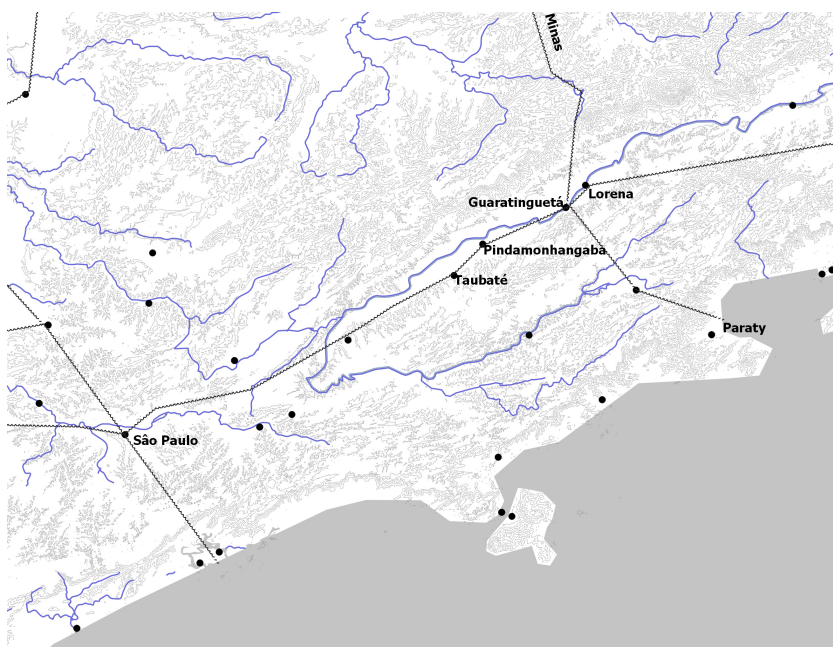


Figura 1. Panorama da região, com a localização das principais localidades e caminhos. Fonte: elaboração do autor

1.1 Panorâmica demográfica e geografia

Observando a composição demográfica dos escravos, temos um cenário de grande equilíbrio da razão de sexo (52,6% de homens) com 543

homens e 489 mulheres. Este dado pode parecer desequilibrado para sociedades camponesas ou urbanas, mas se considerarmos o desequilíbrio provocado pelo tráfico, no qual 65% dos escravos eram homens, a desproporção é muito pequena (Florentino 1997).

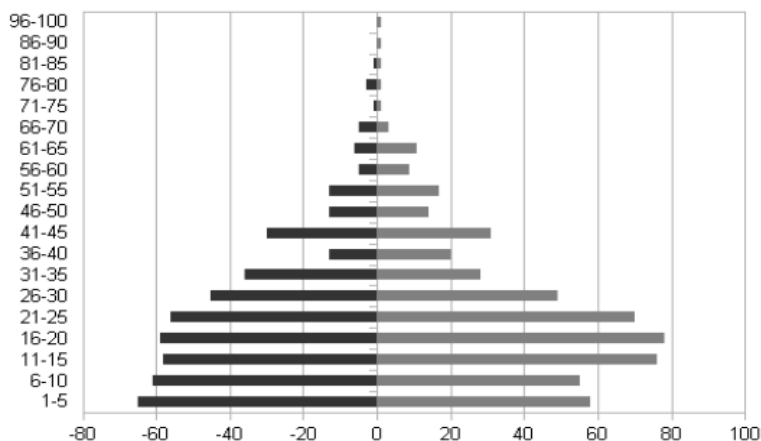


Figura 2. Pirâmide etária das pessoas escravizadas de Pindamonhangaba, 1802. Fonte: Lista Nominativa de Habitantes de 1802

Isso era provavelmente por conta da reprodução local. Dos 1032 escravos de Pindamonhangaba, 227 (21%) eram casados. Ao mesmo tempo, podemos encontrar 373 menores de 16 anos (36%), com uma razão de sexo de 50,6, ou seja, bem menor e mais condizente com a reprodução vegetativa. A figura 2 mostra isso com maior detalhe.

1.2 Livres e escravos

Podemos observar que há um relativo equilíbrio na base da pirâmide, com um destaque para os homens nas faixas de 11 a 25 anos, muito provavelmente provocado pelo tráfico e onde estava a desigualdade da razão de sexo. Se observarmos os qualificativos aplicados aos escravos («crioulo», «angola», «mina», «rebolo», «benguela», dentre outros), temos um cenário de ampla predominância de «crioulos» (nascidos no local) com 72,5% dos qualificativos, seguidos por «banguela» com 15%, «angola» com 3% e «congo» e «rebolo» com 2,2% cada um, além de outras 11 classificações que somadas produzem pouco mais de 4%, a grande maioria delas também associadas aos portos de Angola. O gráfico abaixo mostra essas

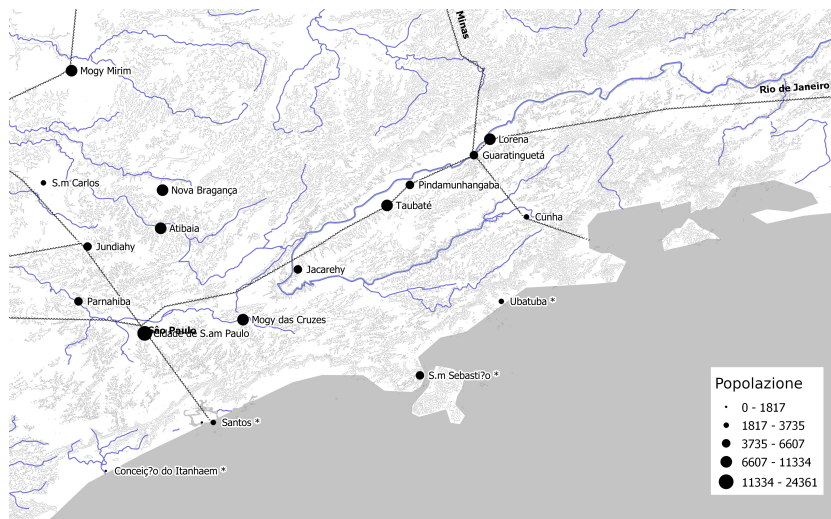


Figura 3. População total na vilas da capitania de São Paulo em 1803, por faixas. Fonte: elaboração do autor

variações ao longo do tempo, calculadas a partir do ano de nascimento dos escravos. Essa informação é estimada a partir da idade declarada na Lista Nominativa, a qual sendo pouco confiável, foi agrupada em grandes faixas de 25 anos, o que permite ter uma noção sobre esse movimento. Os percentuais indicados no gráfico são apenas em relação às classificações de origem nos portos da África e não competem com o total de «crioulos».

Estes dados enfatizam o peso do tráfico de origem na África central (com «banguela» de modo constante no tempo) e indicam a predominância do porto do Rio de Janeiro no abastecimento de escravizados do Vale do Paraíba, o que já seria de se imaginar, considerando a historiografia.

Ainda sobre os escravos, sua distribuição nos bairros rurais é muito desigual. Um único bairro apresenta população escravizada superior a livre, o Bairro da Capela do Rosário, onde há uma grande concentração de escravos em pouquíssimas famílias. O segundo maior ponto de concentração é o centro da Vila, onde a elite mantinha sua maior escravaria. De resto, as diferenças não são tão expressivas.

1.3 Família e casa

A idade para casar é uma informação que pode ser útil no entendimento da economia e demografia locais. O ideal seria calcular isso a

A «lista nominativa» de Pindamonhangaba

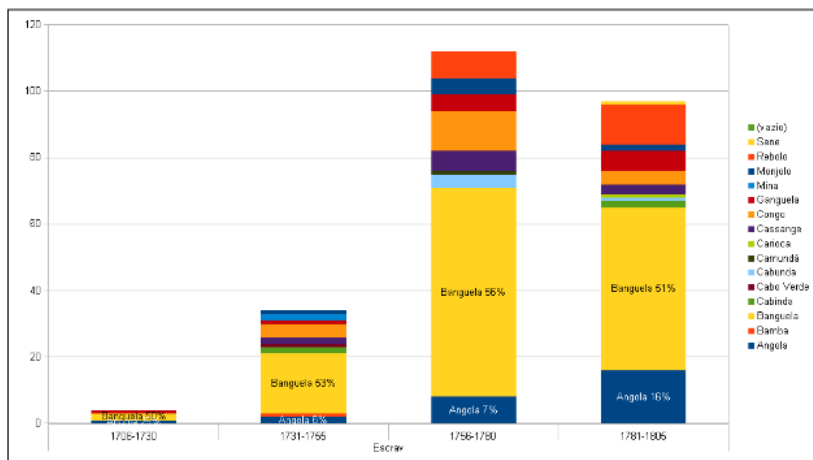


Figura 4. Percentual de escravizados por origem, distribuídos ao longo de décadas. Fonte: elaboração do autor

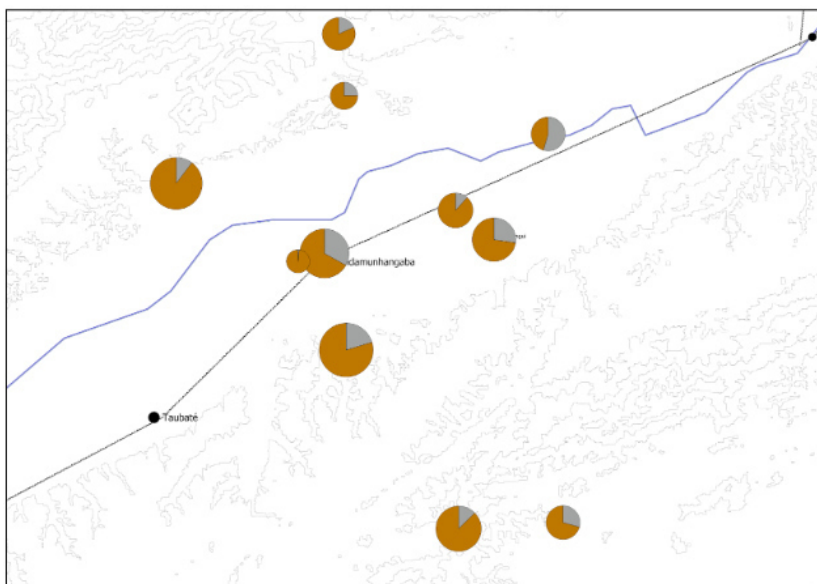


Figura 5. Distribuição de escravizados por bairro, sendo o tamanho do ponto proporcional ao total da população. Fonte: elaboração do autor

partir dos registros de casamento em paralelo aos registros de batismo. Estas fontes ainda não foram encontradas para Pindamonhangaba em nossa busca. Mas tomando todos os casos onde encontramos referência a recém-casados nas Listas Nominativas (25 casos para 1802), encontramos uma média de 21,6 anos para os homens e 18,3 para mulheres, considerando apenas as pessoas sobre as quais se conhecia a idade e que eram anunciadas como tendo se mudado para casar. Usando outro dado das Listas Nominativas, a súmula final com a notícia de todos os casamentos (29 informações), temos médias superiores, de 24,3 para homens e 23,6 para mulheres. A diferença não parece grande, mas precisa ser melhor avaliada, especialmente considerando variáveis qualitativas, que podem ser melhor compreendidas com estudos de casos particulares. Outro dado interessante diz respeito a idade de ter filhos. Para tanto, separamos todos os primeiros filhos e calculamos a idade dos pais no momento do nascimento daquele. Encontramos uma média de 29 anos para os pais e 22 para as mães, sem que haja qualquer diferença notória entre os bairros da vila (se mais rurais ou mais distantes do centro da cidade).

Vejamus a composição das escravarias. Esse dado costuma ser mais significativo sobre a concentração de riqueza e as atividades econômicas desenvolvidas na localidade. A média é 6,37 escravos por casa, com a mediana sendo 3 e a moda 1, como ocorre com muita frequência na América Portuguesa.

	Casas	%	Escravizados	%
1-5	108	66.67%	266	25.78%
6-10	26	16.05%	192	18.60%
11-15	13	8.02%	162	15.70%
16-20	5	3.09%	86	8.33%
21-25	7	4.32%	157	15.21%
26- 30	1	0.62%	28	2.71%
31-35	1	0.62%	31	3.00%
106-110	1	0.62%	110	10.66%
Total	162	100.00%	1032	100.00%

Tabela 1. Perfil demográfico da população, a partir do tamanho das «casas».

Fonte: elaboração do autor

O cenário é o tradicional modelo de forte concentração, no qual poucas casas detêm a maioria dos escravizados. Neste caso, temos que as dez maiores casas (com escravarias maiores que 20 escravos, 6% do total) possuem 30% dos cativos. No outro extremo, 60% das casas detêm apenas 25% dos escravos. É claro que, apesar deste cenário de concentração, há outras regiões da América portuguesa (e certamente das experiências de

colonização inglesa, francesa e espanhola) com cenários muito mais desiguais. No conjunto da capitania de São Paulo, Pindamonhangaba estava entre aquelas mais desiguais. Apenas como exemplo, Jacaréí, vila muito próxima de Pindamonhangaba, tinha 79,2% dos senhores na faixa entre 1 e 5, possuindo 45% dos escravos. Guaratinguetá, vila ao lado de Pindamonhangaba, possuía um padrão muito semelhante a esta última. (Luna, Da Costa 1983).

Vejam os outros personagens importantes da sociedade colonial: os agregados. Eram pessoas que eram assim descritas nas Listas Nominativas (e em outras fontes também), geralmente dependentes do chefe e que viviam sob os cuidados da família senhorial. Não há uma ligação exata entre senhores de escravos e agregados, mas para o caso de Pindamonhangaba, um pouco menos da metade (46%) dos agregados está em casas escravistas (que são 22% do total), enquanto 54% dos agregados estão distribuídos nos 78% não escravistas. Há, assim, uma tendência às casas escravistas de ter mais agregados. Isso ocorre especialmente pelo fato de que sob o rótulo de «agregado» há diversas relações diferentes. Muitas pessoas são «mãe e agregada», «sobrinha e agregada», «pai e agregado», todos eles tendo ido morar com um parente que agora os acolhe com essa designação pública. Ser agregado está longe de ser algo próximo da experiência da escravidão, mas tampouco significa o mesmo que ser chefe da própria família, sendo, assim, uma relação de subordinação política.

1.4 Migrações regionais

As Listas Nominativas contêm informações detalhadas sobre os movimentos dos moradores de cada casa. O banco de dados criado permite individualizar cada movimento, não apenas indicando a origem e o destino, mas também o motivo da mudança, se para casar, para estabelecer nova casa ou o mercado de escravos. Com o uso da cartografia digital, pudemos montar mapas que apresentam esse movimento.

Observemos a geografia geral dos movimentos populacionais que tem Pindamonhangaba como origem ou destino. Os pontos em vermelho são bairros de Pindamonhangaba, enquanto os pontos em preto são vilas ou bairros de vilas vizinhas. As linhas têm um efeito de flecha que aponta a direção. (ver figuras 6, 7 e 8)

É possível observar que os principais fluxos migratórios ocorrem dentro da mesma vila. Não é possível ver os dados de migração dentro do mesmo bairro (não temos esse nível de granularidade), eles representam 28% do total dos movimentos. Não podemos afirmar, contudo, que a localidade esteja fechada em si. Ela tem trocas com outras vilas próximas e, em alguns casos, com vilas distantes, mas com menos frequência.

Vejam somente os movimentos para casamento na figura 8.

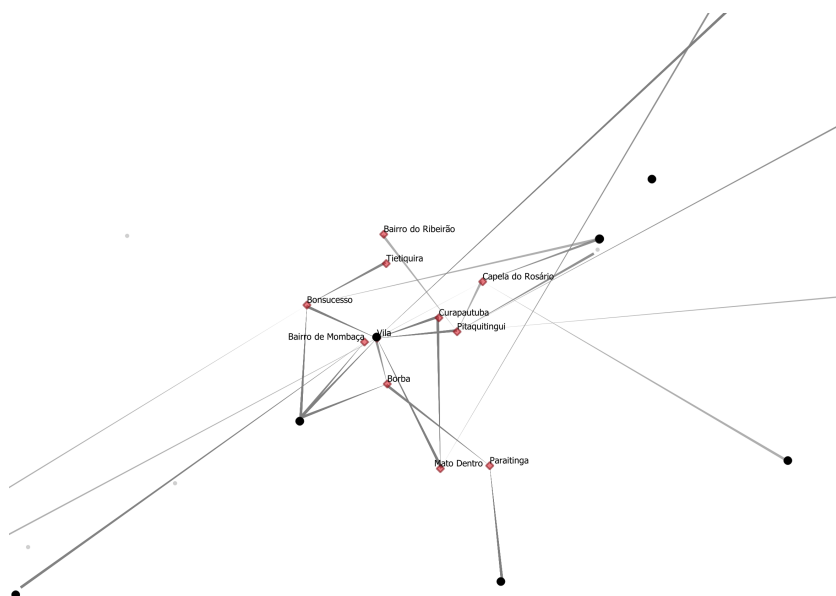


Figura 7. Mudanças de casa dentro e fora da comunidade, no ano de 1802.
 Fonte: elaboração do autor

outro e somente 2,8% veio ou saiu de outras vilas. Não é um número muito expressivo, mas é um indicativo da fluidez da comunidade.

A historiografia clássica da história regional trouxe grandes benefícios para a historiografia social. Contudo, trabalhos como o de Pierre Goubert (ainda que tenha grandes qualidades) contribuíram para apresentar um cenário onde as comunidades eram bastante isoladas e pouco trocavam entre si. Esse dado que apresentamos, segundo a lógica de Goubert, seria mais uma demonstração disto. Contudo, entendemos essas movimentações como uma troca constante com as demais localidades. Se observarmos os gráficos acima, veremos haver muitos pontos de contato entre a comunidade de Pindamonhangaba e outras tantas localidades. A forma como apresentamos a vila no mapa, não como um ponto que se conecta com outros pontos, mas como uma rede de localidades (formada por seus «bairros rurais») ajuda a pensar nessa multiplicidade de conexões. Como pudemos observar, essas interações formavam diferentes geografias conforme as diferentes demandas sociais (casamento, escravidão, dependência, etc). E era muito provavelmente com base nestas experiências que saberes eram trocados, como, por exemplo, saber como

local. O fumo também ia para Cunha e Paraty, o que não permite supor se para consumo local ou se para reexportação, já que era o caminho do mar com ligação privilegiada com o Rio de Janeiro. A vila vizinha de São Luiz também comprava tabaco. O toucinho era exportador para Cunha, Paraty, Rio de Janeiro e até Bahia. Também há informações sobre a exportação de vacuns para o Rio de Janeiro e Paraty. E tecidos. 50 varas de algodão (55metros) para Paraty, além de outras 50 varas consumidas localmente, que devem ser somadas a outras 3 peças (rolos) de tecido. Açúcar, fumo, toucinho e bois aparecem ao lado dos tecidos de algodão na tabela que informava, também ao final da Lista Nominativa, os preços correntes das exportações locais. Manuel Monteiro de Castilhos, por exemplo, era um agricultor e mercador que fazia comércio de todas estas coisas, inclusive tecidos de algodão «comprados a várias pessoas».

2.2 Tipos de produções e atividades econômicas

Nossa pesquisa calculou a soma da produção de todas as casas e a comparou com os dados contidos ao final da LN. É importante explicar esse ponto: as Listas Nominativas contêm, ao final, uma súmula feita à época com os cálculos de todos os produtos consumidos, importados e exportados na localidade. Esse dado é interessante, mas cotejar essa informação com a soma dos casos individuais trouxe algumas questões interessantes. Vejamos:

Produto	Un. de Medida	Prod.Total por casa	Prod. total (LN)	Diferença %	Consumo total por casa	Consumo local segundo a Lista (LN)	Diferença %
Milho	(Alqueire)	9669	8379	13.34	271	301	-11.07
Feijão	(Alqueire)	1246	1291	-3.61	19	13	31.57
Algodão	Arrobas	251	142	43.42	45	40	11.11
Mandioca	Alqueire	157	244	-55.41	30	46	-53.33
Arroz	Alqueire	728	761	-4.53	6	0	100
Tabaco	Arrobas	857	681	20.53	329	64	80.54

Tabela 2. Produção de gêneros locais no ano de 1802, comparando as produções anunciadas nas casas e a do total da vila. Fonte: elaboração do autor

Supostamente, os dados das LN deveriam ser iguais aos da soma de todas as casas, mas seria uma grande ingenuidade esperar que isso ocorresse. As diferenças, contudo, não parecem tão grandes para a maior parte dos produtos. A grandeza numérica é a mesma, ao menos. A diferença é muito grande para a produção de mandioca e de algodão, mas por motivos diferentes. A produção de algodão relatada nas produções das casas é bem superior àquela indicada ao final da LN. O contrário ocorre

com a mandioca, que aparece muito menos nos relatos de produção individual. Esses dados nos fazem agir com muita desconfiança em relação aos números, mas nos apresentam uma ideia geral do volume geral da produção, uma ideia imprecisa, mas útil. Por outro lado, há uma grande discrepância entre o que é produzido na localidade e o que é consumido. A LN prevê a informação sobre a exportação local para vilas vizinhas e isso é efetivamente informado para vários produtos, como o toucinho, o açúcar, tabaco e o tecido de algodão. Mas a produção de milho, por exemplo, é muito superior ao que é apresentado como «consumido» na localidade e não sabemos o destino deste milho excedente. O mesmo vale para feijão, mandioca e arroz. As vilas vizinhas também tinham estas produções e provavelmente não se beneficiavam de uma eventual importação. Esse cenário precisa ser melhor estudado na busca da compreensão das condições de subsistência local. Diversas pessoas são descritas nas LN como «vivendo de esmolar» e a segurança alimentar não é algo dado, mesmo em um cenário de aparente abundância de recursos alimentares.

A maior parte da população vivia da terra. Do total de 716 fogos, ao menos 418 (58%) indicavam a agricultura como principal atividade, mas outros também a praticavam sem a mencionar explicitamente. Estes 418 fogos reuniam 3157 pessoas ou 67% dos habitantes, ou seja, as casas agrícolas concentravam mais moradores. Considerando os 1544 habitantes que não moravam em uma destas casas, temos um cenário onde a abundância não é a regra. As 116 toneladas de milho (no melhor cenário), se distribuídas integralmente, significariam aproximadamente 75 quilos de milho por ano para a parcel da população que não produzia alimentos, ou seja, 200 gramas por dia. E isso em um cenário de distribuição integral da melhor estimativa do produto mais abundante, o que daria aproximadamente 200 calorias. Evidentemente, um cálculo correto precisa considerar outras questões e uma grande quantidade de outras possibilidades, mas o que quero destacar aqui é que a sobrevivência não era simples nessa sociedade. Vejamos o que havia de outras atividades econômicas, já que mencionamos que 33% da população não tinha na produção agrícola sua maior fonte de renda. Havia um grupo de aproximadamente 60 jornaleiros, 3 taverneiros, 10 donos de venda e outras 10 costureiras, além de nossas conhecidas 78 fiandeiras de algodão e 14 tecelões e tecelãs. Além destes, em números menores, havia uma boa quantidade de outros artesãos, como carpinteiros, marceneiros e oleiros.

2.3 Os mercados regionais e os caminhos do algodão

Já mencionamos os fluxos que uniam o Rio de Janeiro - tanto diretamente quanto via Paraty - ao Vale do Paraíba e a forma como este último atuava como intermediário no abastecimento das Minas. Mas ha-

via outros mercados regionais e o tecido de algodão era também objeto de circulação. Temos informação sobre seu envio de Pindamonhangaba para Paraty, onde ele provavelmente tomava o caminho do Rio de Janeiro. Mas há outras informações disponíveis em muitas outras fontes que indicam o sul, a região do chamado «caminho das tropas», que abastecia de gados a capitania de São Paulo (inclusive as mulas para os tropeiros de Pindamonhangaba) como um dos principais destinos do algodão. Esses movimentos aparecem nas Listas Nominativas de outras vilas, como Sorocaba, onde também havia produção de tecidos, mas em menor escala, e Castro, já no caminho do sul, onde aparece a importação de tecidos vindos da Capitania de São Paulo, sem indicar a localidade específica.

Em novembro de 1797, um contrato de Sociedade realizado entre Antônio Guedes de Carvalho e o Capitão Manuel de Andrade Pereira, ambos moradores de Curitiba, mencionava o envio de 20 rolos de algodão «*para ir dispor os ditos panos nos continentes de Viamão e o seu produto com o dinheiro que leva [outros 400 mil réis] empregar em bestas e conduzi-las para este continente de Curitiba fazendo as necessárias despesas*». Era uma aventura comercial de 800 mil réis que poderia comprar cerca de 300-400 mulas, descontados alguns gastos (registros de Notas de Curitiba. 1TABCUR 26, doc. 41 p. 42). A documentação existente sobre o fluxo de animais é volumosa. Somente os documentos da Biblioteca Nacional contém mais de 250 páginas manuscritas sobre o tema, parte da coleção conservada pela Família Corte-Real que era administradora dos chamados «Meios-direitos», uma tributação concedida pela Coroa durante o século XVIII e que era gerida de modo particular, com uma estrutura específica e funcionários que respondiam diretamente ao «doador». Essa documentação, contudo, apesar da vastidão, é pouco eloquente no que diz respeito a potenciais produtos que seguissem no contrafluxo dos animais. Mas não completamente. Há ao menos um registro, da guia número 1180, no qual tecido de algodão foi utilizado como meio de pagamento, quando o Capitão Francisco Luis de Oliveira, um expressivo negociante de Sorocaba, ofereceu peças de tecido da *malvaceae* para o pagamento dos «Meios-direitos», o que não fora aceito (Biblioteca Nacional, II-35,25,25-27).

Fiação

3.1 A casa da fiandeira e a casa da tecelã(ão)

Constatamos no início do texto que as casas escravistas tinham cerca de 11,6 moradores, dos quais 5,4 eram livres e 6,2, escravos. As casas não

escravistas tinham em média 4,8 habitantes. Esse fenômeno não é completamente sem sentido: as casas escravistas tinham capacidade de atrair pessoas com outras formas de dependência, como os agregados, além de ter famílias mais numerosas por atrair parentes mais distantes. Se tivermos isso em conta, a casa das fiandeiras era bem mais humilde. Em primeiro lugar, das 78 fiandeiras, somente três tinham escravos (3,78%, enquanto 22% das casas em geral tinham escravos). Dentre as 3 casas de fiandeira escravistas, a média era de 5,3 moradores, dos quais 2,6 escravos, um número bem inferior ao das demais casas escravistas. As outras casas fiandeiras não escravistas registravam 4,3 moradores, abaixo da média das casas não escravistas em geral.

Se observarmos a casa das tecelãs e dos tecelões (isso, pois havia homens que teciam, enquanto a fiação era exclusivamente feminina), o cenário não era diferente.

Das 14 casas que faziam tecelagem, apenas uma era escravista, com 4 livres e 1 escravo. As demais eram não escravistas e tinham em média 4,23 moradores, um número inferior ao das fiandeiras. A conclusão provisória é que o recurso à fiação e mesmo à tecelagem não se dá por sua rentabilidade, sendo antes uma atividade de sobrevivência em um contexto em que as fiandeiras estariam muito próximas da possibilidade de se tornar agregadas de alguém.

Mais do que a produção de sobrevivência, era uma atividade feminina em circunstância de ausência da figura masculina. Das 78 fiandeiras, 46 eram viúvas (alguns recém-viúvas), 24 eram solteiras e 8 eram casadas, mas o marido não aparecia na listagem da casa, sem que saibamos o motivo desta situação. A questão em si não é a ausência de um homem, mas de um trabalhador adulto ativo em um núcleo produtivo reduzido e dependente de toda a força de trabalho. Muito provavelmente, uma parte expressiva das casas comportava a atividade de fiação que apenas não era declarada, em um cenário onde a atividade informada era apenas a do homem.

Encontramos apenas um caso em que a atividade de uma das filhas, como fiandeira, é declarada além da atividade do «principal» do núcleo familiar. Fora o caso de Joana, filha de José Rodrigues do Prado e de Escolástica Maria de Jesus, que tinham 8 filhos para criar e viviam da agricultura, plantando «para o gasto». Essa possibilidade, um tanto quanto difícil de aferir, deve ser melhor investigada no decorrer da pesquisa, seguindo de perto alguns núcleos familiares ao longo do tempo em diversas Listas Nominativas, além de outras fontes que foram possíveis.

Ainda sobre as viúvas, nem todas tinham as mesmas dificuldades que a maioria das fiandeiras. Se tomarmos esse grupo, encontramos que 18% das casas chefiadas por viúvas eram escravistas, um número não muito distante da média de 22%. As 3 únicas escravistas fiandeiras eram

viúvas, mas eram também viúvas muitas senhoras de terras e escravos, que não dependiam de seu próprio trabalho e para as quais a presença de outro trabalhador ativo na casa seria começada por outros tantos trabalhadores dependentes ou escravizados.

Reconhecimentos

Agradeço a Amanda do Couto pela informação sobre o Registros de Notas de Curitiba.

Bibliografia

Manolo Florentino, *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro - séculos XVIII e XIX*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

Herbert S Klein, Francisco Vidal Luna «Características da população em São Paulo no início do século XIX», em *População e Família*, n° 3, 2000, pp. 71-91.

Francisco Vidal Luna, Iraci del Nero da Costa, «Posse de escravos em São Paulo no início do século XIX», *Estudos Econômicos (São Paulo)* 13 (1) 1983, pp. 210-221.

Antonio Carlos Jucá de Sampaio, *Na encruzilhada do Império: hierarquias sociais e conjunturas econômicas no Rio de Janeiro (c.1650 c.1750)*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2023.

Fontes

Registros de notas de Curitiba, 1TABCUR 26.

Biblioteca Nacional, Brasil, II-35,25,25-27.